

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 353/2015

AINDA A UNIÃO EUROPÉIA

Tenho lido belos artigos que lamentam a asfixia monetarista imposta à Grécia em nome da estabilidade financeira da Europa. Ora lamentam na perspectiva do debate econômico, condenando o velho monetarismo de Chicago pelos seus efeitos destruidores, ora pela humilhação de um povo que deu ao mundo ocidental o que ele tem de mais precioso, a filosofia e a democracia.

Compartilho essas críticas: a visão monetarista só serve aos bancos e aos rentistas do mundo inteiro, e a Grécia Clássica é efetivamente uma devoção de todos nós ocidentais, pela razão, pelo diálogo e pela beleza que milagrosamente rebentaram no mundo naquele momento cultuado até hoje como origem dos nossos valores essenciais.

Entretanto, por mais justo que seja levantar e considerar essas perspectivas, não estão dentro delas os principais motivos de decepção do mundo com o tratamento de arrocho dado à Grécia pelos países fortes da Europa, pelos alemães, diga-se bem claramente. O debate entre os economistas é infundável, e acaba por admitir limitações da teoria econômica e por observar uma certa alternância sequencial entre períodos de equilíbrio fiscal e de alavancagem desenvolvimentista. E a Grécia de hoje, admirável por muitas razões, pouco tem a ver com aquela de Sócrates e Péricles, depois do milênio de Império Bizantino e dos quinhentos anos de Império Otomano.

A decepção maior do mundo é com o menoscabo dos alemães, logo dos alemães, em relação ao espírito de harmonia e de solidariedade que, segundo uma benfazeja visão do porvir, presidiu a criação do bloco de nações daquele velho continente exausto pelos séculos de guerras; uma hecatombe que atingiu uma culminância impensável no meio dos mil e novecentos, e que ainda mostrou horrores nos Bálcãs durante a última década do século.

Esta é a questão: valem mais (até para eles mesmos, os alemães) as razões de interesse e estabilidade do Império Alemão, ou o espírito de compreensão, tolerância e solidariedade entre as nações do Continente?

Nesta vertente mais relevante de apreciação da crise da Grécia, uma voz se elevou na França, em tom de liderança política das mais destacadas. Uma voz que despontou ao lado daquela do Papa Francisco, que obviamente não pode objetivar-se nas questões políticas. Uma liderança claramente política que está faltando no mundo de hoje, desde que a esperança em Barack Obama foi travada pela oposição do conservadorismo empedernido que domina o interior daquele grande país.

Elevou-se a voz brilhante de um velho líder socialista francês, que era tida como extinta depois de sua passagem pelo FMI e dos escândalos sexuais que protagonizou: a voz de Dominique Strauss-Kahn, quem diria. Que escreveu uma carta aberta aos seus amigos alemães em termos dignos de se registrarem como históricos, tal a veemência, a elevação e a clarividência. De repente, o mundo se lembrou que DSK era uma das maiores figuras do PS francês, em sequência a François Mitterrand, ao lado de Michel Rocard. E está bem vivo, como demonstra neste documento que certamente está sendo lido em toda a Europa e que o deve ser também entre nós.

Por esta razão, em adesão ao espírito de harmonia e solidariedade internacional que presidiu a criação da União Européia, e que é o mesmo que encaminha a UNASUL em seus primeiros passos, o Centro Celso Furtado vai publicar a carta aberta de Strauss-Kahn, generosamente traduzida pelo nosso companheiro de sempre, Pedro de Souza. Ela poderá ser lida, até o fim da próxima semana, no site centrocelsofurtado.org.br

Merece.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br